



DESAFIOS DOS ESTUDANTES IDOSOS DA GRADUAÇÃO NO IFPA- CAMPUS BELÉM

Isaac dos Santos Pereira ¹
Ana Alice Azevedo Gama²
Carla Danielle Xavier do Vale³
Eliana Brandão Cavalcante⁴
Michelle da Silva Pereira ⁵

RESUMO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, projetou o aumento expressivo da população idosa nas próximas décadas, o que demandará uma reestruturação da sociedade para acolher esse grupo nos mais diversos âmbitos, entre eles o educacional. O presente estudo teve como objetivo identificar os desafios dos alunos idosos de graduação, do campus Belém do Instituto Federal do Pará, através de uma análise quantitativa e qualitativa de dados coletados por meio de um questionário semiestruturado, aplicado a todos os alunos matriculados idosos a partir de 60 anos, onde constatou-se um quadro de 6 alunos dentre todos os cursos de graduação ofertados pela instituição. Os resultados mostram que 66,7% dos alunos declararam possuir uma relação interpessoal boa com a turma, porém 83,3% afirmaram sofrer discriminação devido à idade. 83,3% afirmaram possuir barreiras no processo de aprendizado, sendo estas especificadas como: dificuldade em manusear o computador (66,7%); dificuldades em utilizar o sistema SIGAA (83,3%); problemas com cognição(66,7%), dos quais 40% afirmaram ser problemas com atenção e entendimento; não possuir suporte dos professores além da sala de aula (50%). 100% dos alunos afirmaram que o seu principal objetivo com a graduação é alcançar satisfação pessoal, e todos os entrevistados afirmaram receber apoio, incentivo e orientações da família. Estes resultados refletem os estereótipos negativos associados aos idosos, o analfabetismo digital resultado do desenvolvimento tecnológico acelerado, e a possível não adequação da instituição frente à transição demográfica em curso. Propõe-se a realização do nivelamento digital no campus, a fim de diminuir as dificuldades de manuseio do computador e da internet, e de ações socioeducativas para inseri-lo de forma igualitária no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Envelhecimento, Política Educacional, Inclusão Digital, Transição Demográfica, Discriminação

¹ Graduando do Curso de gestão hospitalar do Instituto Federal do Pará, isaacsperreira95@gmail.com;

² Graduando do Curso de gestão hospitalar do Instituto Federal do Pará, anaaliceazevedogama@gmail.com;

³ Graduando do Curso de gestão hospitalar do Instituto Federal do Pará, cxavierdovale@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de gestão hospitalar do Instituto Federal do Pará, elianabrandao22@gmail.com;

⁵ Professor orientador: mestre, Instituto Federal do Pará, campus Belém, michelle.pereira@ifpa.edu



INTRODUÇÃO

Debates acerca do envelhecimento vêm ganhando força na última década, principalmente devido à Projeção da População de 2013 que indicou uma mudança acelerada na estrutura etária da população brasileira. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou, em censo realizado em 2010, alterações nas taxas de mortalidade e fecundidade, caracterizando uma transição demográfica e epidemiológica em curso no Brasil (BORGES *et al*, 2015).

Esse processo não é novo e está associado as mudanças econômicas e sociais de um país. No Brasil, iniciou-se na década de 50 com a urbanização, inserção da mulher no mercado de trabalho, incrementos tecnológicos, etc. (DUARTE & BARRETO, 2012), e intensificou-se nos anos 90 como resultado da implementação de programas de combate à mortalidade materna e infantil, bem como os primeiros serviços do SUS que expandiram o acesso à saúde (ALBUQUERQUE & SILVA, 2015).

Um dos impactos sociais desse processo é o envelhecimento populacional, explicado por Oliveira (2019) como uma redistribuição dos 3 grupos etários provocada pela queda nos níveis de fecundidade.

Com a mudança do comportamento demográfico observado ao longo do tempo, os níveis de fecundidade são reduzidos levando a queda dos nascimentos o que provoca uma nova distribuição dos três grupos etários (0 a 14 anos, 15 a 59 anos e 60 anos ou mais). A queda da fecundidade (desempenho reprodutivo efetivo de uma mulher) é acompanhada pela redução dos níveis de mortalidade que a princípio se concentra nas primeiras idades contribuindo para que um número maior de pessoas tenha condições de chegar ao grupo dos idosos. Há assim, uma participação de pessoas com mais de 60 anos que se amplia e uma redução do peso do grupo das crianças, ocasionando o envelhecimento da população. (OLIVEIRA, 2019)

Junto à constatação de que a expectativa de vida da população brasileira está cada vez maior, surgem também questionamentos acerca do próprio processo de envelhecimento: o que significa, de fato, envelhecer? Como envelhecer com qualidade de vida? Como enfrentar a situação de crescimento deste grupo na sociedade?

De acordo com a Constituição, todo indivíduo com idade superior a 60 anos é idoso (BRASIL, 2003). Porém, o processo de envelhecimento, bem como a construção de conceitos da velhice, engloba aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e culturais, sendo,



portanto, heterogêneo e vivido como uma experiência individual (SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008).

Argumenta-se, então, que envelhecer pode assumir diversos aspectos de acordo com o indivíduo que o experiencia, e, portanto, a caracterização de qualidade de vida durante esse período é igualmente diversificada. A educação permanente é uma das propostas para proporcionar um envelhecimento saudável da população.

A aprendizagem ao longo da vida é tida como um dos condicionantes do envelhecimento ativo, assim, espera-se que políticas públicas voltadas para esse fim sejam desenvolvidas (SOUSA *et al.*, 2018). No livro *Psicologia da Educação* (2007, p. 190), SALVADOR *et al.* enfatiza o papel da educação para adultos como ferramenta de emancipação.

“A educação permanente é uma finalidade social (Marzo e Figueiras, 1990), que responde a dois princípios básicos: à capacidade de mudança que caracteriza o homem durante toda a sua vida, mudança que implica a adaptação e a aprendizagem; e o direito inalienável à educação, como expressão da vontade própria e como ferramenta à liberdade individual e social.” (Salvador *et al.*, 2007, p. 190)

Sob a perspectiva da psicopedagogia, a educação permanente configura-se como um meio de desenvolvimento dos adultos, bem como uma forma de adaptação à evolução social e como ferramenta de combate ao isolamento e à solidão, tão presentes na velhice, ao integrá-lo sem uma atividade social (SALVADOR *et al.* 2007, p. 192). Visto o tema abordado e as problemáticas que o percorrem, tal pesquisa tende se aprofundar em bases teóricas, abrangendo consigo assuntos que permeiam esta dialética, para assim, dar embasamento, que fortaleceram a criação de novas perspectivas.

METODOLOGIA

Um questionário foi elaborado com questões relacionadas ao histórico de ensino dos alunos e sobre suas principais dificuldades e pontos positivos em relação ao curso de graduação. Os critérios de inclusão foram: ter acima de 60 anos e estar matriculado em um curso de ensino superior no IFPA Campus Belém; os critérios de exclusão foram ter menos de 60 anos e/ou, estar matriculado em um curso nas modalidades técnico ou subsequente e/ou em outro campus do IFPA. Em seguida, foram feitas análises quantitativa e qualitativa, onde as respostas foram codificadas e analisadas, com os dados obtidos elaborados em planilhas e transformados em gráficos no programa Excel. Paralelamente, realizou-se uma revisão de literatura em artigos científicos, livros e revistas, disponíveis nos seguintes bancos de dados:



Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos CAPES

REFERENCIAL TEÓRICO

A interpretação da velhice varia a partir do reflexo cultural da sociedade, podendo adquirir caráter positivo como sendo o detentor de conhecimento/sabedoria, ou negativo, visto como indivíduo incapaz de contribuir para a sociedade. Essa visão emprega estereótipos diante do idoso, associando-os à ideia de fragilidade e doença e enaltecendo o idadismo.

Alves & Novo (2006) argumentam sobre o preconceito geracional, onde os mais jovens tendem a fomentar estereótipos negativos acerca da idade, influenciando significativamente na interação indivíduo-sociedade, visto que o negativo pode acarretar consequências fixas, produzindo um prolongamento do pensamento e mantendo o ciclo mediante o discurso sobre o envelhecimento.

A discriminação e o preconceito a terceira idade são resultado de falsas crenças a respeito da competência e da produtividade do idoso baseadas em estereótipos, resultando na marginalização e isolamento do idoso na sociedade (Neri, 2007, p. 37), diminuindo a possibilidade de aprendizado e de relações interpessoais.

Segundo a Lei 10.741/03, capítulo 5, art. 20 a 25, cabe ao poder público a responsabilidade em oferecer acesso a oportunidades pedagógicas e educacionais, abrangendo caráter de compartilhamento de experiências e da identidade cultural, mantendo a finalidade a informação, educação, artística e cultural, abordando o processo de envelhecimento, contribuindo para o rompimento da imagem negativa quanto a imagem do idoso. (Brasil, 2003)

Nesse contexto, a educação continuada apresenta-se como ferramenta de emancipação do sujeito; é através dela que esse grupo populacional encontra a sua voz e percebe o seu potencial transformador.

O estudo busca criar uma discussão, para desta forma poder desenraizar a problemática e compreender a realidade evidenciada no instituto, a fim de criar um olhar voltado à aprendizagem e acessibilidade desse idoso (SCOTERGAGNA&OLIVEIRA, 2010, p. 57).



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa sob a perspectiva da psicopedagogia, no qual rediz a educação como permanente, onde configura-se como um meio de desenvolvimento dos adultos, bem como uma forma de adaptação à evolução social e como ferramenta de combate ao isolamento e à solidão, tão presentes na velhice, ao integrá-los em uma atividade social (SALVADOR et al. 2007, p. 192). Desta forma, a pesquisa partiu-se do inquérito onde foi possível traçar os desafios dos estudantes idosos do Instituto Federal do Pará (IFPA) Campus Belém.

A partir deste objetivo em questão, a pesquisa se iniciou realizando a identificação da faixa-etária desses alunos a fim de poder traçar um perfil e possibilitar a visualização de possíveis raízes entrelaçadas no contexto idoso-educação. Assim, verificou-se que maior percentual era de alunos entre a faixa etária de 60-66 anos, obtendo um total de 66,6%, seguindo em ordem decrescente com 16,7% aos alunos com 67 anos e 16,7% aos de 69 anos (presente na tabela 1), sendo a metade desses alunos de sexo feminino. Esse percentual sinaliza o enfrentamento de obstáculos enraizados na sociedade, tendo em vista que a maior parte dessas mulheres vivenciou uma realidade no qual o acesso à educação era restrito apenas aos homens. (SOUSA SILVER, 2008).

MEIRELES et al. (2007) corrobora com esse pensamento ao dizer que a presença das idosas no curso de graduação é resultado de mudanças dos valores culturais e sociais presentes nos séculos passados, onde se concebia a ideia de que a mulher detinha de papel apenas domiciliar, e onde o acesso à educação era dificultado pela presença significativa da população em zonas rurais.

No estudo ainda foi possível identificar o tempo de conclusão do ensino médio do idoso, onde se enfatizou com 83,3% um período de 30 anos ou mais e apenas 16,7% concluíram em 20 anos. Essa lacuna pode indicar uma disparidade no processo educacional entre gerações, uma vez que estes alunos idosos foram inseridos na Educação Nova, potencializada pela utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e que prioriza o ensino ativo e a autonomia do aluno (GASPAR&RIBEIRO, 2016, p. 210) em detrimento à pedagogia organizada de forma linear e fragmentada, com ênfase no método expositivo e o cumprimento do cronograma de atividades (KUENZER, 1999).

Tabela 1 – Idade, sexo e tempo de conclusão do Ensino Médio dos alunos idosos de graduação do IFPA-Campus Belém

Idade	%
60	33,3%
66	33,3%
67	16,7%
69	16,7%

Sexo	%
Feminino	50%
Masculino	50%

Tempo de conclusão do Ensino Médio	%
20 anos	16,7%
30 anos ou mais	83,3%

Fonte: Questionário aplicado aos alunos idosos de graduação do IFPA-Campus Belém.

Essas barreiras foram observadas no IFPA Campus Belém, onde 83,3% dos alunos idosos declararam ter dificuldades durante o curso, com 50% afirmando não receber suporte de docentes além da sala de aula. As origens destas dificuldades relacionaram-se principalmente ao analfabetismo digital e à cognição: 83,3% dos alunos entrevistados possuem dificuldades em lidar com as novas tecnologias, sendo 66,7% no manuseio de computadores; enquanto 66,7% apontaram barreiras cognitivas como atenção e entendimento (40%), memorização (20%) e concentração (20%).

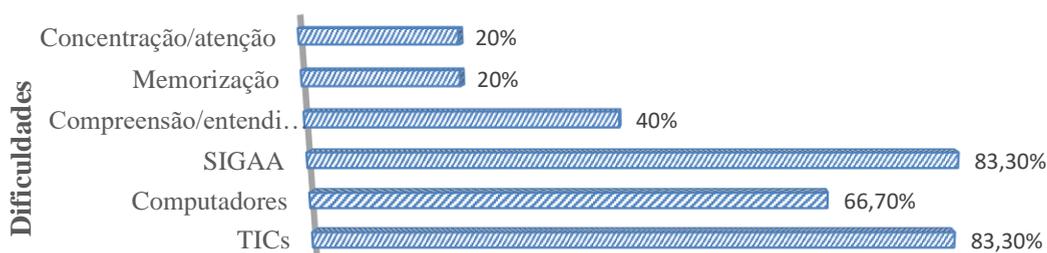
MARINHO Et. Al (2010, p. 5) argumenta que, enquanto a tecnologia como ferramenta anexada ao método educativo ganhou destaque na atualidade, adquirindo cada vez mais espaço como facilitadora propiciando maior dinamização na obtenção de conhecimento, a rotatividade de novas técnicas também penalizou outros grupos, enfatizando os idosos vem sofrendo com a aderência das novas tecnologias de informação e comunicação.

“Essa geração que nasceu e foi educada em uma época em que o tempo transcorria em outra velocidade e as tendências das situações eram a estabilidade, hoje não consegue acompanhar as modificações sociais e tecnológicas. Para a maioria dos idosos, o uso do computador estaria totalmente fora do seu alcance, não envolvendo apenas motivos financeiros, mas emocionais”. (MARINHO et al, 2010, p.5)

Um levantamento realizado por Santos e Almêda (2017) com alunos de um curso de informática para a terceira idade no RN evidenciou que a inclusão digital traz benefícios à cognição e saúde mental dos idosos, uma vez que reduz o isolamento e permite um maior acesso à informações; porém, o medo de “estragar” as ferramentas, bem como interfaces pouco acessíveis, configuram-se como barreiras neste processo.

Essa inacessibilidade torna-se mais nítida pois 83,3% dos alunos afirmaram ter dificuldades de acesso ao sistema SIGAA, paralelamente à consolidação unilateral das atribuições socioeducativas positivas acerca do sistema, ou seja, todos os alunos compreendem a importância e as diversas ferramentas do sistema, entretanto, ficam à mercê de instrumentos que poderiam oferecer ajuda, necessitando do auxílio de terceiros.

Gráfico 1 -Principais dificuldades dos alunos idosos do IFPA Campus Belém



■ %

Fonte: Questionário aplicado aos alunos idosos de graduação do IFPA-Campus Belém.

Diversos estudos apontam uma relação positiva entre inclusão digital em idosos e independência funcional, partindo do pressuposto que a tecnologias de informação e comunicação proporcionam um maior bem-estar social do idoso e preservam suas capacidades cognitivas (MEDEIROS et al., 2012, p. 118).

O bem-estar social pode ser entendido como uma relação positiva com com amigos, parentes e grupos de convivência. (MEDEIROS et al, 2012, p. 119). Em relação a este, 83,5% dos alunos classificaram suas relações interpessoais dentro do instituto como boa e 16,7% ótima; nenhum classificou como “ruim”, porém todos os alunos afirmaram sofrer discriminação devido à idade.

Esse fenômeno pode ser descrito como idadismo, ou ageísmo, onde o idoso é enxergado como um integrante deslocado do contexto social; tal qual, a segregação e estranhamento procedem do estigma empregado ao logo do tempo na sociedade. (ARAÚJO, 2008, p. 50)

Tabela 2 – Relações interpessoais

Sente dificuldade durante a graduação	
Sim	83,3%
Recebe apoio de docentes além da sala de aula	
Não	50%
Relacionamentos interpessoais no instituto	
Bom	66,7%
Mediana	16,7%
Ótimo	16,7%

Fonte: Questionário aplicado aos alunos idosos de graduação do IFPA-Campus Belém.

Essa situação pode ser melhor exemplificada através do relato de uma das alunas entrevistadas, aqui referida como “Aluna A”: *“Sinto vergonha e receio, não quero prejudicar meus colegas! Com tudo isso, sou discriminada e isolada, pois na hora de formar um grupo para apresentar algum trabalho me excluem, percebo como se fosse uma competição e desistir do curso é o que se passa na mente de quem está cansada”*.

Finalmente, todos os alunos entrevistados afirmaram buscar satisfação pessoal através do ensino superior, e declararam recebem apoio familiar. Essa afirmação evidencia o caráter transformador e democrático da educação, defendida pela lei no Estatuto do Idoso, parágrafo 3:

“É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.” (BRASIL, Lei nº 10.471, Constituição Federal, 2003).

Eventualmente todos os estudantes apresentaram interesse em participar de um curso de nivelamento em informática, no qual possa atuar como simplificante na utilização das novas tecnologias, enfatizando assim uma educação democrática, global e que proporcione o desenvolvimento real do indivíduo. (SCOTERGAGNA & OLIVEIRA, 2010, p. 56) .



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos idosos no ensino superior já é uma realidade nas instituições de ensino brasileiras, portanto as políticas públicas educacionais devem adaptar-se às necessidades desses alunos diante do rápido e expressivo crescimento deste grupo populacional no país. Esta pesquisa nos permitiu identificar que as principais dificuldades destes alunos no IFPA Campus Belém estão relacionadas ao uso das tecnologias de informação e comunicação, à cognição reduzida pela idade avançada, e com as relações interpessoais, prejudicadas pelo idadismo e esteriótipos associados à velhice. Contatou-se a necessidade de um nivelamento em informática destes alunos, visto que eles compreendem o papel positivo de computadores e da internet porém não possuem acesso à estes; o qual possa atuar como simplificante no processo educacional, fazendo com que a procura da satisfação pessoal não seja desestimulada e contornando o isolamento e discriminação destas pessoas. Somente deste modo os alunos poderão ter acesso democrático à uma educação que tem o potencial de transformar as suas vidas, auxiliando-os no exercício de sua cidadania, preservação das capacidades cognitivas e proporcionando um envelhecimento saudável.



AGRADECIMENTOS

Nos dias 29 e 30/06 e 01/07 ocorreu o XI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano na cidade de Campina Grande - PB . Sendo no inicio do ano, o Grupo Pesquisa “Saúde, Gestão e Ambiente”, ainda tímido, apenas sonhava em participar de um evento deste porte.

Porém o sonho se tornou realidade e os alunos Ana Alice , Andrei Junior, Isaac Pereira e Eliana Brandão foram a Paraiba apresentar no evento 3 artigos aceitos na categoria Apresentação Oral, representando o grupo e a Instituição Federal do Pará- IFPA Campus Belém.

Primeiramente agradecemos a Deus por essa conquista de muitos que viram pela frente, sempre tendo foco, força e fé. À Professora mestre, orientadora e coordenadora Michelle Pereira, pelo apoio e incentivo e por ter acreditado no potencial de cada aluno na construção dos artigos juntamente com os demais colegas Arthur Begot e Gabriel Jackson e todos os professores dos cursos das áreas de gestão, saúde e ambiente do IFPA que nos auxiliaram e apoiaram durante a elaboração deste artigo. Realmente não foi nada fácil, muito menos impossível, foram meses, dias e horas de muito estudo, esforço e empenho de alcançar esta aprovação com êxito em busca de alavancar cada vez mais os nossos conhecimentos e explorar a pesquisa científica, sendo este um diferencial do grupo.

Agradecemos ainda ao IFPA Campus Belém pelo financiamento e apoio ao grupo de pesquisa. As nossas famílias e amigos, que foram fonte inesgotável de suporte durante a elaboração deste e a todos que acreditaram em nós e colaboraram para que pudéssemos fazer parte deste evento. Por fim ao Congresso Internacional de Envelhecimento Humano – CIEH, pelo congresso incrível, que possibilitou o enriquecimento intelectual e cultural dos nossos representantes e nos mostrou o impacto na pesquisa científica e na sociedade, Este é apenas o começo, que venham os próximos!



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. R. P. C.; SILVA, Luciano Gonçalves de Castro. Tendências dos níveis e padrões de mortalidade e seus diferenciais regionais no período 2000-2030: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015.**
- ALVES, José Ferreira; NOVO, Rosa Ferreira. Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal Of Clinical And Health Psychology, Portugal*, v. 6, n. 1, p. 65-77, jan. 2006.
- ARAÚJO, Juliana G. Gerofobia. In: *Velhice Cidadã: Um Processo em Construção*. Belém: EDUFPA, 2008.
- BRASIL. Lei Nº 10.471, de 1º de outubro de 2003. **Constituição Federal, Brasília, 2003.**
- BORGES, Gabriel Mendes; CAMPOS, Marden Barbosa de; SILVA, LG de C. Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas. **Borges GM, Ervatti LR, Jardim AP. Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para projeção da população. 3ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, p. 138-51, 2015.**
- DUARTE, Elisabeth Carmen; BARRETO, Sandhi Maria. Transição demográfica e epidemiológica: a epidemiologia e serviços de saúde revisita e atualiza o tema. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 529-532, dez. 2012.
- GERALDI, L. M. A.; BIZELLI, J. L. Tecnologias da informação e comunicação na educação: conceitos e definições. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 18, 2017.
- KUENZER, Acacia Zeneida. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. *Educação & Sociedade*, [S.L.], v. 20, n. 68, p. 163-183, dez. 1999.
- MEDEIROS, Felipe de Luca et al. Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 106-122, mar. 2012.
- MEIRELES, Viviani Camboin et al. Características dos idosos em área de abrangência do Programa Saúde da Família na região noroeste do Paraná: contribuições para a gestão do cuidado em enfermagem. *Saúde e Sociedade*, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 69-80, abr. 2007.
- NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, p. 33-46, 2007
- OLIVEIRA, Anderson Silva. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 32, p. 69-79, 2019.



RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia* (Ribeirão Preto), [S.L.], n. 4, p. 15-30, jul. 1993.

SALVADOR, et al. As práticas educativas dirigidas aos adultos: a educação permanente. **Psicologia da educação**, São Paulo, p. 189-192, 2007.

SANTOS, R. F. dos; ALMÊDA, K. A. O Envelhecimento Humano e a Inclusão Digital: análise do uso das ferramentas tecnológicas pelos idosos. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 59–68, 2017.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. *Kairós Genecologia*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 53-72, jun. 2010.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SILVEIRA, M. M. da; ROCHA, J. de P.; VIDMAR, M. F.; WIBELINGER, L. M.; PASQUALOTTI, A. Educação e inclusão digital para idosos. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2010.

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva et al. Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 2018.